

sempre fizera, porque os convivas eram todos do reinado de Carlos IV e de Fernando VII, o que não poderia ser muito divertido para mim.

— Porém, accrescentou ella, a condessa pede-lhe que vá lá passar a noite, e, se quer ir jantar com-nosco, iremos todos d'aqui juntos. Quer assim?

— Minha senhora, onde vai o general vai tambem o ajudante de ordens. Não precisa cousultar-me. Mande que eu obedeço.

— Vejo que é militar subordinado. Veremos se na batalha cumpre os seus deveres, como faz no que diz respeito á disciplina.

— Tomára eu batalhar; porém, desde que chegámos a Madrid, ainda não pudemos descobrir o inimigo, e isso é que me descontenta.

— É verdade! Não ha meio de arrancar o segredo á filha da condessa. Nem a mãe, nem eu, nem a minha boa amiga de Landstein temos sido capazes de a persuadir a explicar-nos esta mudança.

— Pois eu aposto que tudo isto é uma intriga do barão. Elle é ambicioso, a condessa recebe-o bem, a senhorita de Relta ouve-o com benevolencia, e o homem tomou a sério estas bondades, e quer ser grande de Hespanha.

— Ora, não diga isso. Pelo amor de Deus! Pois o barão de Nassot lembra-se lá de ser conde de Relta e duque de Lialva? Nada, nada. Elle desconfia que o casamento está adiado, e corteja muito a senhorita para que o publico repare, e falle da pos-

sibilidade do casamento, porém o barão é comedido e tímido. Elle é vaidoso, mas não é tolo.

—Engana-se, minha senhora. O barão é vaidoso e tolo. N'este ponto não ha duvida. A questão é saber, se tambem será maroto e intrigante.

—O tal barão não lhe cahiu em graça; nem á condessa, porém ella convida-o sempre, porque lhe foi especialmente recommendado por uma amiga de collegio, que vive casada em Barcelona:

—Pois eu, no lugar d'ella, não admittia em minha casa similhante lagartixa. Emfim, até amanhã. As 6 e meia cá estarei sem falta.

Com effeito, no dia seguinte veio D. Julio buscar-me para irmos vêr a *Armeria real*, que é uma das cousas curiosas de Madrid. Está em uma casa fronteira ao palacio da rainha, ao lado do arco por onde se entra para o pateo. O edificio foi construido por Gaspar de Vega, por ordem de Philippe II, que intentava collocar ali as cavalhariças reaes, idéa que renunciou; mandando em 1565 vir para lá as armas antigas, que estavam em Valhadolid e em Simancas.

Não sei se em outra parte da Europa se encontrará tão rica collecção. Esta me parece superior á da Torre de Londres, e seriam necessarias muitas paginas para dar uma descripção abreviada de tudo quanto contém. *Martinez del Romero* fez um catalogo muito exacto para substituir o inventario organizado por *Abadia* em 1793, o qual, além de ser

defeituoso, não era já verdadeiro, depois que o povo, invadindo a *Armeria real* para se armar contra os francezes, truncou aquella preciosa collecção. O sr. Sensi e o meu amigo Achilles Jubinal publicaram em 1835, em França, uma obra magnifica com estampas, que revelou á Europa a riqueza d'este magnifico deposito.

Emquanto eu examinava a *Armeria*, D. Julio foi fazer duas visitas, e eu pude, á minha vontade, entregar-me ás reflexões que cada um d'aquelles objectos me ia suscitando. Ali ha cousas admiraveis, tanto para os que se comprazem de examinar os artefactos de outros tempos, como para os que veneram com piedoso culto as reliquias historicas dos homens celebres. Parece-me que posso afirmar que até para os que gostam de patranhas, não falta na *Armeria real* em que empreguem a sua credulidade.

A estes ultimos entrego a espada de Boabdil, ultimo rei de Granada, a de Roldão, a de Pelaio, que estava em Covadonga, e a de Bernardo del Carpio. Não digo que sejam apocriphas, mas não tenho tempo de examinar se são verdadeiras.

Guarda-se ali o pendão e a armadura de Carlos v na expedição de Tunes, em que o acompanhou o nosso infante D. Luiz, a espada deste soberano, mandada vir do mosteiro de S. Yuste, a armadura de Philippe II, com que o Ticiano retratou o sombrio monarcha hespanhol, e a do desgraçado

D. Carlos, seu filho, cuja lamentavel historia causa horror.

O capacete de Francisco I ainda ali se vê; porém a espada levaram-a os francezes em 1808, e só resta um modelo que o rei actual mandou fazer.

A *Colada*, famosa espada do Cid campeador, existe na *Armeria Real*, e descança das fadigas passadas ao lado da espada do *gran-capitan*, que serviu de estoque real na cerimonia do juramento do principe das Asturias. Tambem podia mandar-se para a camara dos deputados, quando se discute o orçamento. Todos sabem como o grande Fernão Gonzales de Cordoba deu aquellas contas de tão duravel memoria, que ainda hoje se chamam *cuentas del gran capitan*. Tenho idéa de as ter lido no museu de artilharia em 1854, e merecem ser meditadas pelos entendidos de negocios de fazenda.

As espadas de Pizarro e de Cortez, e a armadura de Christovão Colombo, que estão na *Armeria*, são os trophéos do imperio hespanhol na America. Daquella portentosa viagem, em cujo resultado o soberano portuguez não confiou, e que Isabel, a catholica, se resolveu a proteger, resta a armadura de Colombo e um ducado. Do imperio dos Incas resta o instrumento das cruezas que ali se praticaram.

No meio destas recordações de deseobertas longinquas, de aniquilação de povos conquistados, e das batalhas castelhanas contra os arabes, encontrei, não

a penna de Garcilasso de la Vega, mas a espada intitulada *del perrillo*, e a meia armadura do poeta. Que faz ali a espada de Garcilasso de la Vega ao lado da de Cid Rui Dias de Bivar, da de Pelaio ou da do Bernardo del Carpio? Esta espada de poeta fez-me lembrar a do Cervantes, mas não está na *Armeria real*. Eu espero que, se nós algum dia fizermos um deposito de armas celebres, não poremos ali a espada de ministro do nosso Garret, nem o espadim de official de secretaria de que usava o Nicoláo Tolentino.

D. Julio chegou neste momento, e dando por acabada a visita á *Armeria real*, partimos para a *Fuente Castelhana* á revista que a sociedade de Madrid se passa reciprocamente todos os dias. Eu não sei como não chegam a aborrecer-se. Os mesmos com as mesmas, e no mesmo sitio, e desde o primeiro dia do mez até ao ultimo!

Pelo caminho fomos conversando a respeito da noiva arrependida de D. Julio. Observei-lhe que me parecia que ella o tratava e acolhia com demasiada attenção se o não queria para marido.

—É verdade, me respondeu elle. Desde que declarou á mãe que não queria casar commigo, trata-me do mesmo modo, e ouve com bondade quanto lhe digo, como fazia d'antes. Se a conversação é sobre objecto indifferente, anima-se, alegra-se, e parece comprazer-se em ouvir-me e em responder-me. Se lhe digo alguma expressão de affecto, abaixa

os olhos, e responde com uma leve inclinação de cabeça. Eu não ousou insistir.

—Faz bem. Mas eu já a vi uma vez abaixar os olhos, e, quando os levantou, e para mudar de conversa me fez uma pergunta a mim que estava do lado oposto, tinha-os arrasados de agua.

—Isso já aconteceu mais do que uma vez. Outro dia estávamos no jardim com a condessa: vieram chamal-a. Ficamos sós. Eu estava sentado em um banco; ella desfolhava uma rosa, em pé, quasi defronte de mim. Ao levantar os olhos, encontrou os meus, que a contemplavam com amor. Deitou fóra o resto da rosa, e veio sentar-se no mesmo banco em que eu estava.

—E não lhe disse nada?

—Disse, sim. Perguntei-lhe que mal lhe fizera aquella rosa para a tratar assim. Respondeu-me com brandura que a ella ninguem lhe fazia mal senão a sua propria cabeça, e desatou a chorar. Pedi-lhe que me dissesse o que tinha. Replicou, limpando os olhos, que já não tinha nada, e que fossemos para casa, porque estava frio no jardim.

—Isso quer dizer que ella combate entre o affecto que lhe tem, e a causa que a obriga a renunciar ao casamento. Mas diga-me. Não se lembra de lhe ter desagradado em alguma cousa? Perdoe a minha franqueza. Os seus presentes de noivado eram ricos? Pergunto isto, porque as senhoras são mui delicadas nestes pontos. São questões de amor pro-

prio para com amigas, parentas e conhecidas, e negocio de satisfação e vaidade pessoal, a que as mulheres sempre foram extremamente sensíveis.

—Tudo quanto lhe dei foi anteriormente apresentado a M.^{me} de Landstein, e submettido por ella á approvação da condessa. Eu sei que me teem pelo maior avarento de Hespanha. Não discuto essa má reputação, em que até minha irmã acredita, mas posso affirmar-lhe que, se resisti sempre a gastar loucamente os meus poucos meios, e a fazer despesas superiores ás minhas forças, nunca faltei aos meus deveres de cavalheiro, nem com homens, nem com mulheres.

—Nunca tive idéa de dizer o contrario.

—É que eu bem sei que dizem que eu não vou ao theatro todos os dias por avareza, que não tenho cavallo por soviniçe, que não sou capaz de emprestar um duro a um amigo, mas a verdade é que esta gente toda me crê rico por causa dos bens de meu pae, e, como sabe, eu pouco recebo de casa. Se não tivesse sido economico, não teria tido com que comprar os presentes do noivado.

—Emfim, nós havemos de descobrir a causa deste transtorno.

Com isto chegámos ao Prado, apeámos-nos, procurámos as senhoras, passeámos com ellas até á *Fuente Castellana*, passando em *Recolletos* diante do bonito palacio do Sr. Salamanca, que o duque de Montpensier lhe quiz comprar ha pouco tempo, e ás seis

e meia a condessa e a filha foram para casa, e eu voltei á minha a vestir-me para ir jantar com os Loveras.

Ao jantar em casa da marquesita estavam sós os de casa, eu e M.^{me} de Landstein. Podíamos conversar á vontade a respeito da nossa demanda, como vulgarmente se diz, e assim o fizemos. Depois que demos cabo da sopa e do *puchero*, que nenhum bom hespanhol dispensa, fui eu quem começou a conversação, perguntando ás senhoras se teríamos o gesto de encontrar á noite em casa da condessa o bonifrate catalão.

—Com certeza, me respondeu a marquesita. A condessa não falta ás suas promessas. Prometteu á sua amiga de Barcellona de distinguir o barão, e não dá uma chicara de chocolate sem que o convide.

—Era o que faltava, se não tínhamos lá o meu namorado, disse M.^{me} de Landstein.

—Parece-me que não ouvi bem, interrompi eu. A senhora condessa disse...

—Eu disse: meu namorado, retrucou a condessa, rindo-se e olhando com malicia para a senhorita de Lovera.

—O barão de Nassot é um dos mais devotos adoradores de M.^{me} de Landstein, acodiou a marquesita, e Deus sabe quem padece por essa causa. Pobres ausentes!

—Pepita, não digas isso nem brincando. O teu hospede vae mudar de opinião a meu respeito, e,

de certo, escreve a Julia que os ares de Hespanha me fizeram *coquette*.

—Não acredite, continuou M.^{me} de Landstein voltando-se para mim.

—Eu minha senhora, tenho por costume acreditar só metade do que ouço. Ora, neste caso, creio que o barão lhe faz a côrte, mas que os ausentes, pois que ausentes ha, não padecem com isso.

Estas palavras provocaram uma risada geral, como se eu tivesse advinhado o segredo daquellas palavras, e a propria condessa, apesar de còrar, riu como os demais.

—Muito bem; acrescentei eu quando as senhoras acabaram de rir, mas deviam-me ter dito isto ha mais tempo.

—É que eu, disse a marquesita, não dou á pessoa do barão a importancia que lhe parece que elle tem no desenlace deste negocio.

—E que diz a isto o sr. D. Julio? Ainda não lhe merecemos uma palavra. O seu coração de namorado não tem ciumes do barão, quando elle conversa com a senhorita de Relta?

—Nunca tal me lembrou. Bem vê que, se eu tivesse ciumes, é porque o julgava attendido. Nesse caso, estava tudo acabado. Mas o que me dá cuidado agora, é outra desconfiança bem differente.

—Então qual? dissemos todos ao mesmo tempo.

—Qual? Uma cousa bem simples. É que, como me declararam avarento, pôde quem não me conhe-

cer julgar que toda esta solícitude de minha irmã e de M.^{me} de Landstein tem por fim dar-me posse da riqueza dos Reltas, e que isto não é um negocio de affectos, mas de dinheiro.

—Tu és um injusto e desconfiado, meu Julio, respondeu a marquesita, antes que eu pudesse fallar. O nosso amigo portuguez sabe que, se um casamento rico é uma vantagem para ti, os soffrimentos do teu coração valem para mim muito mais do que todos os casamentos possiveis.

—Desculpa, Pepita. Esta reputação de avaro pesa-me como um peccado mortal.

—Deixe estar, sr. D. Julio que não lhe faltará occasião de mostrar que o duque de Lialva gasta como um grande de Hespanha, e que o sr. D. Julio de Lovera dispendia como um filho segundo.

D. Julio viu que eu comprehendia as suas idéas ou que lhe abria a porta para uma reparação do passado, e apertou-me com amizade a mão.

Dahi até ao fim do jantar, e durante o café, explicaram-me que o barão fazia a côrte a M.^{me} de Landstein, e que depois dos ultimos acontecimentos ainda era mais assiduo do que antes de começar a conversar com maior frequencia com a filha da condessa de Relta, o que a marquesita não podia chamar côrte, por modo algum. D. Julio tambem o não acreditava. M.^{me} de Landstein sabia-o, mas não queria complicar a situação.

Não ignorava que o barão se approximára della

com idéas matrimoniaes, e que mudára de tenção pela suspeita de não se realizar o casamento de Margarida de Relta. A continuação e maior assiduidade da côrte era natural, porque augmentava o valor do rompimento, quando fosse necessario fazer esse sacrificio; encobria a verdadeira pretensão, e conservava sempre a amarra de uma viuva rica, bonita e amavel. O que ella não advinhava era como elle soubera que o casamento estava em termo de não chegar a concluir-se, nem o podia advinhar. Nós o saberemos mais tarde.

Agora vamos para o palacio de Relta. São dez horas da noite, e é a hora canonica das *sairées* de Madrid. Nos bailes entra-se ás onze.

XV

Em que se descreve a magnificencia do palacio de Relta, e se vê de que modo se dispõem as batalhas da sociedade elegante — Posições tomadas pelos combatentes — Vae-se descobrindo o segredo.

Madrid 1.º de Abril de 1861.

O palacio de Relta é nos arrabaldes da cidade: porém, como a area de Madrid é mui pequena, a sociedade da condessa vae ali com tanta facilidade como se ella habitasse o palacio de Onhate, na *Calle Mayor*; ou a casa do marquez de Casa-Riera, na *Calle de Alcalá*.

É um palacio, como a maior parte dos de Madrid, sem ornatos exteriores. Como a pedra é mui cara, ou quasi se pôde dizer que falta, os hespanhoes preferem a simplicidade architectonica àquellas columnas e varandas de calça, com que Londres se quer dar ares athenienses e romanos. A maior parte dos palacios de Madrid, excepto o da rainha, o de Liria, que pertence' ao duque de Alba, e alguns outros, são vastos casarões sem architectura de especie alguma.

A fachada do palacio de Relta apresenta um só andar com quinze sacadas. A do meio é maior que as outras, tem uma varanda de pedra com balaustres e sustenta as armas dos Reltas, que cortam a cornigem, e servem de remate ao edificio, ficando o escudo inteiro superior ao telhado. As carroagens entram no pateo, e vão depôr os convidados no degrau mais inferior dos que levam ao primeiro patamar da escada, onde estão as portas dos quartos e salas ao rez da rua. A alguns passos de distancia começa o primeiro lanço de escadaria, que acaba no segundo patamar, donde dois outros lanços dão entrada para as salas.

Bellos candelabros de bronze com globos opacos, ornados com as armas coloridas dos Reltas, preparam os olhos de quem entra para supportar a grande quantidade de luz, que irradia o lustre do centro da escada, o qual faria inveja mesmo ao do theatro real. Um tapete riquissimo cobre todos os degraus; o corrimão é de velludo carmezim. As janellas, que de dia dão luz á escada, têm transparentes com as armas da familia, que tambem se avistam no tecto, sustentadas por dois genios e pintadas a fresco por mão mais sabedora dos segredos de Albert Durer, do que respeitadora das tradições da escola nacional.

Subimos as escadas por entre numerosos criados, vestidos de libré azul claro com agulhetas de seda còr de laranja, presas no hombro por um broche de

prata com as respectivas armas. Em Hespanha, o gosto heraldico está arreigadissimo. Neste ponto os nossos visinhos são mui poucos sobrios.

Na primeira sala estão os retratos da familia em corpo inteiro, entre os quaes ha dois de Velasques. Aos dois lados da grande sala do centro estão os retratos de Fernando I, rei de Castella, e de sua mulher D. Sancha de Leão, de cujo infeliz filho, D. Garcia, rei de Galliza, a familia de Relta pretende descender.

A estatua deste principe desditoso, desthronado pelos seus vassallos, e encarcerado até morrer por seu irmão D. Affonso VI, vê-se no meio deste vasto salão, servindo de centro á um divan de velludo carmezim. É de bronze, e representa D. Garcia vestido com uma longa tunica, a cabeça descoberta e algemas nos pulsos. É uma obra moderna feita em Paris sob a direcção de Barbedienne. Nas janellas, cortinas de velludo carmezim com franjas da mesma côr. Reposteiros iguaes com as armas bordadas a prata. No tecto, pinturas a fresco, representando quatro scenas memoraveis da vida de D. Garcia.

Para a direita desta sala estão os salões destinados para as grandes recepções, e para a esquerda os chamados quartos da sr.^a condessa, de que se contentaria o mais rico fidalgo francez para dar bailes e festas esplendidas. Nestes recebia nessa noite a condessa, como se fosse em reunião intima.

Atravessamos duas salas por entré differentes ho-

mens da sociedade madrilena, a quem as senhoras fallaram e deram a mão com a familiaridade hespanhola, que sabe conciliar o bom trato e as maneiras affaveis com a dignidade e respeito de si e dos outros. Na terceira sala encontrámos a condessa, em pé, conversando em um grupo de senhoras e homens. Depois dos cumprimentos das senhoras chegou-me a vez de apresentar os meus respeitos á dona da casa.

— Ora bem vindo seja, sr. portuguez. Estava com receio de que não acompanhasse o seu general. Olhe que logo hei-de apresental-o a meu tio. Elle foi fumar para a bibliotheca, e fallar da batalha de Baylen com dois velhos generaes. Tem para uma hora com a tal batalha, se eu lhe não apparecer lá como Blucher em Waterloo para dar cabo da conversação.

Agradei com duas phrases banaes, como é de uso nestes casos, e deixando a condessa entregue á insipida occupação de escolher uma phrase amavel para cada convidado que ia chegando, entrei na sala immediata, que estava cheia de senhoras e pouco povoada de casacas pretas. Eu estou convencido de que o vicio de fumar, o habito de conversar em cousas pouco decentes com phrase digna dellas, e o costume de achar conforto em se deitar em uma cadeira pondo os pés na mesa mais proxima, hão-de, afinal, separar inteiramente os dois sexos, e tornar impossivel a convivencia delicada e elegante.

Logo á entrada desta sala estava a senhorita de Relta com duas ou tres amigas da mesma idade. O barão e um addido de legação desempenhavam os deveres da sua idade e estado, entretendo a conversação com as *pollitas*, que assim se chama em Hespanha não só ás frangainhas, mas tambem ás raparigas solteirss. Os homens são *pollos* em quanto a idade os não transforma em *gallos*.

Pepita de Lovera veio augmentar este grupo. M.^{me} de Landstein, depois de ter dado a Margarida de Relta o competente osculo, que no mundo tantas vezes é osculo de Judas, foi collocar-se a uma certa distancia, perto de uma outra conhecida sua. Esta posição pareceu-me estrategica, porque flanqueava o barão nas operações do assedio de Margarida. D. Julio aproximou-se da sua suspirada noiva, e foi acolhido com particular distincção, na qual, todavia, sobresahia um certo constrangimento, que pareceria timidez e pudor a quem não soubesse o que era.

Cômo á nossa chegada se desfez o grupo das *pollitas*, o barão levantou-se, e, em quanto as senhoras se fallavam, veio com rosto prazenteiro e physionomia desconfiada apertar a mão de D. Julio e a minha. O instincto dizia-lhe que a gente recém-chegada lhe era adversa, e este aperto de mão, aliás natural, tomava quasi o character de reconhecimento militar nos postos avançados.

O barão estava antes sentado junto de Margarida;

porém, tendo-se separado do grupo para vir fallar-nos, calculára que o seu logar seria occupado por outrem, e que elle poderia ficar de pé, e acudir igualmente á conversação da senhorita de Relta e de M.^{me} de Landstein. Infelizmente, a cadeira immediata á desta senhora estava livre, e o barão teve que ir sentar-se nella. D. Julio, com a timidez propria de quem anda apaixonado, deixou tomar todos os logares; porém, quando ia correndo a linha das senhoras, houve uma pessoa caritativa que lhe fez praça junto de Margarida.

Eu fiquei de pé, conversando com a senhorita de Lovera, e em posição propria para observar os movimentos dos dois exercitos. M.^{me} de Landstein disparava os seus mais fulminantes sorrisos contra o barão. Recostada mollemente na cadeira, e affastando de vez em quando do rosto os grossos aneis de cabello louro, que vinham pousar no hombro, como que para deixar admirar á vontade a mais linda mão que talvez havia naquella sala, estava fazendo, por dedicação, o que a mais refinada *coquette* não saberia executar melhor.

De vez em quando, um olhar, ao parecer descuidado, de M.^{me} de Landstein vinha pedir a nossa approvação, e revelar-nos o valor do sacrificio que ella fazia em elevar a 20 ou 30 grãos acima de zero a vaidade d'aquelle insignificante.

O barão ao principio conversava com M.^{me} de Landstein com interesse, mas a sangue frio. Não perdia

de vista a senhorita de Relta, e o seu olhar de fuinha alongava-se até onde nós estávamos, Pepita e eu, como se fosse uma estocada de florete. A suave languidez de M.^{me} de Landstein, a atenção especial com que ella o estava distinguindo, aquelles cabellos dourados tão raros nas nações do meio-dia, e a mão feitiçeira que os dispunha e affagava, foram como as serpentes de Laocoonte. O barão quiz resistir ao encanto, buscou força nos olhos da senhorita de Relta, que ás vezes se voltavam para aquelle lado, porém, não os encontrou desta vez, e afinal succumbiu á magnetica explosão de falsa ternura da elegante alemã.

D. Julio tomára no grupo das *pollitas* o logar do barão, e soube conduzir-se como pessoa experimentada. Depois de ter dito a Margarida algumas phrases que a distancia me pareceram indifferentes, pela attitude de quem as dizia e de quem as escutava, soube fazer geral a conversação, e taes cousas disse e contou áquelle rancho de meninas, que todas mostravam interesse especial no que se estava conversando.

D. Julio curvava-se algum tanto para que o ouvissem bem as que estavam mais distantes, e Margarida olhava para elle com jubilo, como se fosse sua a gloria d'aquelle triumpho. As risadas deste grupo de raparigas chegavam aonde estava o barão, como no começo lá ia ter algum olhar da senhorita de Relta, mas elle já não ouvia, nem via.

— Isto vai bem, disse eu á marquezita. A nossa cooperação vai-me parecendo inutil.

— Engana-se, meu amigo. Margarida gosta de Julio, e está fascinada pela graça de uma conversação contra a qual se não precatou por não lhe ser especialmente dirigida, mas eu conheço-a bem. A razão da sua recusa existe, e enquanto a não destruímos, por mais vivos que sejam os sentimentos de Margarida, ella será mais forte do que elles.

— Parece-me, marquezita, que confia pouco de poder do seu irmão, e que attribue á senhorita de Relta uma força quasi sobrenatural.

— Pois não vê como ella põe a mão sobre os olhos, como que para repellir de si a idéa que lhe está presente ou o encanto que a subjuga?

— Não ousou contradizel-a, mas vou libertar aquella pobre M.^{me} de Landstein. Quero que o barão possa mover-se á vontade. Quanto mais livre andar pela casa, mais depressa se deixará conhecer.

— Então sempre está na mesma idéa ácerca do barão de Nassot?

— Cada vez mais, minha senhora. Elle está como a senhorita com Julio, subjugado pelo encanto de M.^{me} de Landstein, mas a ambição de ser duque de Lialva é superior ao desejo de transformar a condessa de Landstein em baroneza de Nassot. Quer-me dar o seu braço?

Levantou-se, e seguimos vagarosamente até junto de M.^{me} de Landstein. Ella viu-nos approximar, po-

rém, redobrou de atenção para com o barão, e, quando lhe dirigimos a palavra, pareceu acordar de um sonho. O barão deixou a cadeira em que estava sentado para dar lugar a Pepita, e M.^{me} de Landstein disse-nos, sorrindo:

—Não fazem idéa das lindas historias que o barão me tem contado das suas viagens! Não há nada como viajar!

—Nem sempre, minha senhora, lhe respondi eu. Bem sabe o proverbio francez ácerca dos ausentes.

—Conheço-o, mas não uso. Os que eu estimo, quando se separam de mim, não estão ausentes. A Pepita bem o sabe.

O barão respondeu a esta phrase com um olhar de regosijo agradecido, digno de um tolo, ainda maior do que elle, e teve a modesta resolução de retirar-se. Nós rimos todos tres do mesmo riso, e M.^{me} de Landstein agradeceu-nos tiral-a d'aquelle supplicio.

—Olha, Pepita, eu já não podia mais.

—Mas que te dizia elle?

—Tudo e nada. Tudo, porque nem pestanejava, coitado, e nada, porque tinha medo de ir mais longe do que eu lhe permittiria.

Neste momento a dona da casa, dando o braço ao velho conde de Villafria, appareceu a uma das portas da sala. Algumas pessoas do conhecimento particular do conde foram cumprimental-o, e elle, sem-

pre pelo braço da condessa, continuou a passar revista ao esbelto esquadrão de senhoras que enchia o salão de Relta.

Ao approximarem-se de nós, a senhorita de Lovera, que fôra fallar ao conde logo que elle appareceu na sala, fez signal a M.^{me} de Landstein, que se levantou e foi dizer um cumprimento á condessa. Esta voltou-se para o tio, e apresentou-lhe a linda allemã.

— É a senhora condessa viuva de Landstein, filha dos condes de Pollern, que veio passar este inverno em Hespanha.

— Digne-se de aceitar, minha senhora, respondeu o conde, a expressão do meu respeito. Muito folgo de a ver entre nós. Meus avós serviram com os seus junto de Carlos v. Houve mesmo um Pollern que casou com uma Villafria, mas não teve successão. Já se vê que está entre pessoas de familia.

A condessa de Landstein correspondeu a estas amáveis palavras com uma profunda cortezia.

Seguiu-se a minha vez.

— Os portuguezes, disse o ancião para mim e para a sobrinha, são familia nossa. Ainda me recordo das attensões com que me trataram em Lisboa, quando fui acompanhar a sr.^a D. Carlota Joaquina, e não hei-de esquecer nunca as bondades que a sr.^a rainha D. Maria Isabel Francisca de Bragança teve para comigo e para com os meus, emquanto tive a honra de pertencer á sua casa. Folgarei de que me pro-

*

cure antes da minha partida para fallarmos ácerca de Portugal.

Silencio respeitoso e cortezia profundissima, segundo o estylo.

O conde foi sentar-se a pouca distancia de nós junto da velha duqueza de Alferate, e, como o barão andasse por ali perto á espera de que o apresentassem, a condessa, lembrando-se da sua boa amiga de Barcelona, chamou-o, e disse para o conde:

— O sr. barão de Nassot deseja apresentar-te os seus cumprimentos. É um cavalheiro de Barcelona que habita Madrid.

O velho conde inclinou-se, como para se levantar, e, sem dar a mão ao apresentado, perguntou-lhe com ar extremamente amavel, se o pae ainda vivia.

— Conheci-o muito, accrescentou o conde.

— Ha dois annos que falleceu, retrucou o barão.

— Sinto que tivesse tal desgosto. Eu vivo no campo, e nem quero saber o que vai pelo mundo. Cada dia me leva um conhecido. Os amigos já partiram quasi todos.

O barão estava a tremer de que o conde se lembrasse de ter conhecido seu avô, o digno asturiano, e, para evitar alguma revelação que lhe magoasse o amor proprio diante d'aquellas meninas, fez uma cortezia, e retirou-se.

O programma da noite era que se dançasse ao piano. O barão foi pedir uma contradança á condessa

de Landstein, e a primeira walsa a Margarida, mas só obteve a segunda.

— Paciencia, minha senhora, não dançarei a primeira.

— Então porque?

— É que... as walsistas boas são raras.

O parvo esperava que Margarida, zelosa da côrte que elle fizera á M.^{me} de Landstein, lh'a indicasse como excellente walsista, mas enganou-se. A senhora de Relta sorriu e respondeu:

— Olhe, a marquezita de Lovera dança muito bem; aquella menina que está ao lado della tambem. Se quer, eu apresento-o.

— Obrigado, minha senhora, prefiro não dançar. Mas já deu a primeira walsa?

— Ainda não; mas, se m'a pedirem, quero-a ter livre.

— É original o seu modo de proceder.

— Acha?

— Eu acho, sim, minha senhora. Sabe que sou seu amigo, e por isso custa-me vê-la tão mestra em fingir sentimentos, de que, com justa razão, foi obrigada a mudar.

— Sabe lá o que eu sinto? disse Margarida, fechando o leque e procurando sorrir. Olhe, o que eu não finjo é o amor que tenho a minha mãe, e a amizade que professo á Pepita.

— Mas, como os não póde ter sempre neste estado de incerteza...

— É verdade que ninguém pôde adiar para sempre um negocio, porém com a demora vou eu estudando o modo de causar o menor numero possível de sensações desagradaveis.

— Eu já estou arrependido de lhe ter dito a verdade. Se eu soubesse o martyrio que havia de ter... mas eu não podia vê-la sacrificada.

— Nunca se deve arrepender de dizer a verdade. Tristes daquelles que a não podem supportar!

Eu ouvi toda esta conversação até que a musica, dando signal para a segunda walsa, veio interromper. Julio, que nesta noite apostára de nos espantar com as suas ousadias timidias, veio muito de mansinho buscar a senhorita de Relta, como se a tivesse convidado.

Eu dei o braço ao barão, e levei-o comigo para a bibliotheca sob pretexto de fumar.

XVI

*A bibliotheca de Relta— Considerações artisticas—
Principia o duello com o barão— Convida-me para
almoçar.*

Madrid, 6 de abril de 1861.

A bibliotheca de Relta foi fundada pelo cardeal de Rembrano. Constava então dos seis mil volumes que este principe da igreja reunira no seu palacio de Roma. Depois foi accrescentada com a livraria de um arcebispo de Toledo, da casa de Lialva, cujo ultimo duque trouxe das embaixadas de França e da Inglaterra todas as preciosidades litterarias do seculo passado. Hoje os livros desta importante colleção particular passam de vinte mil.

Nos palacios dos grandes de Hespanha encontram-se numerosos vestigios historicos, armaduras antigas, espadas celebres, quadros de alto preço, porém livros não é ali que se devem procurar. Não creio que os tratados que nos faltam para completar as